

EMIGRANTES DE FERREIRA DE CASTRO: CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE LITERÁRIA E PSICOSSOCIAL

Margarida Silva Rodrigues (UP)

ABSTRACT

Almost a hundred years after the publication of the novel *Emigrantes*, by Ferreira de Castro, which was a huge national and international success, the theme of emigration, which serves as its basis, is once again on the agenda, a fact that attests to the universal and timeless nature of the theme and justifies, to a certain extent, this brief study that aims to contribute to its literary and psychosocial analysis. Connections will be established between history and fiction that interact with each other, between the personal testimony, given by the protagonist who gives voice to the experience lived by the author himself, and the collective testimony, giving voice to all those who emigrated at the same time and with whom Ferreira de Castro would have lived. Emigration is perceived as a consequence of the dehumanization and misgovernance of societies and countries and exposes poverty as human degradation. Ferreira de Castro condemns the exploitation of man by man and exposes the fragility, fatality and destiny of the poor who seem destined to suffering and pain, from birth. Through the description of a *horribilis* picture, Ferreira de Castro in *Emigrantes* mobilizes the reader for solidarity, justice and social equity, which makes this novel assume a reforming and humanizing mission, its social commitment being relevant, and it can be framed at the forefront of neorealism.

Keywords: Ferreira de Castro; Emigration; Novel; Neorealism.

RESUMO

Quase cem anos volvidos desde a publicação do romance *Emigrantes*, de Ferreira de Castro, de enorme sucesso nacional e internacional, a temática da emigração, que lhe serve de base, volta a estar na ordem do dia, facto que atesta o carácter universal e intemporal do tema e justifica, em certa medida, este breve estudo que tem como objetivo contribuir para a sua análise literária e psicossocial.

Estabelecer-se-ão conexões entre a história e a ficção que interagem entre si, entre o testemunho pessoal, dado pelo protagonista que dá voz à experiência vivida pelo próprio autor, e o testemunho coletivo, dando voz a todos aqueles que emigraram na mesma época e com os quais Ferreira de Castro terá convivido.

A emigração é percebida como consequência da desumanização e do des-governo das sociedades e dos países e expõe a pobreza enquanto degradação humana.

Ferreira de Castro condena a exploração do homem pelo homem e desnuda a fragilidade, a fatalidade e o destino dos pobres que parece determinado ao sofrimento e à dor, desde a nascença. Através da descrição de um quadro *horribilis*, Ferreira de Castro em “Emigrantes” mobiliza o leitor para a solidariedade, justiça e equidade social, o que faz com que este romance assuma uma missão reformadora e humanizadora sendo relevante o seu compromisso social, podendo ser enquadrado na vanguarda do neorrealismo.

Palavras-chave: Ferreira de Castro; Emigração; Romance; Neorrealismo.

Recebido em 12 de fevereiro de 2025

Aceite em 23 de novembro de 2025

DOI: 10.58155/revistadeletras.v2i3.590

“Biógrafos que somos das personagens que não têm lugar no Mundo, imprimimos neste livro desprezível história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia, saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, colhem às mãos cheias”. (Castro 1959: 284)

Introdução

Ferreira de Castro é um escritor consagrado, com obra vasta e profusamente estudada. No entanto, cremos que a investigação e crítica literária está longe de estar esgotada, pelo que importa continuar a analisar e a interpretar, tendo em conta a sua produção e receção. Essa é a razão principal que fundamenta o presente estudo.

A partir da análise do romance *Emigrantes*, refletiremos sobre a forma como este representa e expressa as vivências pessoais de Ferreira de Castro, transformadas em ficção, interpretando a obra *per se* sem, contudo, descuidar o contexto social, económico e político da época em que foi produzida e a receção e projeção que teve e continua a ter.

É também objetivo do presente estudo trazer para a ordem do dia a problemática da emigração, que hoje, como há cem anos atrás, continua a gerar dramas e flagelos de difícil resolução, quer motivados pela ambição de melhores condições de vida, quer motivados pelos êxodos a que assistimos a nível global decorrentes de crises políticas e de guerras. Esta temática, a da emigração, consta na História da Literatura, talvez com maior incidência a partir do séc. XIX, e a sua atualidade e constante renovação, justificam o interesse do seu estudo.

1. O autor Ferreira de Castro

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 1898, em Salgueiros, freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis e faleceu a 29 de junho de 1974, no hospital, no Porto, vítima de um acidente vascular cerebral. Oriundo de uma família de camponeses, ficou órfão de pai com apenas oito anos de idade e aos doze emigrou para o Brasil. Durante quatro anos trabalhou no seringal, na Amazônia, e aos dezasseis regressou a Belém do Pará. Sofreu

várias privações e humilhações, chegando a passar fome. Publicou os seus primeiros livros no Brasil, o romance *Criminoso por ambição* e a peça *Alma Lusitana*. Depois de nove anos no Brasil, Ferreira de Castro decidiu regressar a Portugal, o que aconteceu em setembro de 1919. Com vinte e um anos, passou algum tempo com a família e instalou-se em Lisboa, para se poder dedicar ao jornalismo e às letras.

Apesar de ter sempre vivido com dificuldades, publicou várias obras, entre as quais *Emigrantes*, em 1928, de enorme sucesso nacional e internacional, que, a par com a obra *A selva*, o consagrou como escritor universal, traduzido em várias línguas. Foi candidato, com Jorge Amado, a Prémio Nobel de Literatura, em 1968.

Ferreira de Castro é um escritor realista, podendo ser considerado precursor, em certa medida, do Neorrealismo, e as suas obras têm um forte pendor autobiográfico, por trazerem para a ficção as suas experiências e vivências pessoais transpostas para o coletivo, dado representarem dilemas existenciais do ser humano e temas universais como a luta pela sobrevivência, a exploração do homem pelo homem, a ambição, a solidão, a humilhação, a mentira, o logro, a escravatura e o fascínio pela riqueza.

Ferreira de Castro é um autor que, vindo da influência romântica, ultrapassa o Realismo e se coloca na senda do Neorrealismo que, na opinião de Mário Sacramento, é “um movimento ideológico e estético que exprimiu e exprime a incidência cultural dum processo histórico económico-sociopolítico cujas raízes mergulham no século XIX, mas têm [...] um marco indiciário: o ano de 1920” (Sacramento 1985: 23).

Parece-nos impossível a tarefa de classificar Ferreira de Castro como arauto de um único movimento literário – Realismo, e consideramos clara e justa a associação ao Neorrealismo na medida em que o romancista sempre considerou a Literatura como expressão artística movida por uma primeira missão: mover e transformar a sociedade, em linha com o que Alexandre Pinheiro Torres defende: “É real o compromisso do escritor com a sociedade, e sua obra é um instrumento transformador, na medida em que pode contribuir para a formação da consciência social” (Torres 1977: 33).

É igualmente Roberto Nobre que, referindo-se a *Emigrantes* o afirma:

“Naquele primeiro romance, estava o emigrante português, como paradigma do emigrante humilde de todo o mundo. Era o Neo-Realismo, embora então ainda assim não estivesse crismado. [...] coube a Ferreira de Castro o papel de pioneiro, aquela gloriosa oportunidade do escritor que chegou na época porque soube antevê-la” (Nobre 1966: 13).

Em consonância com o referido, defendemos que Ferreira de Castro marcou a literatura portuguesa do século XX e deu início a uma reforma indelével da criação literária, no romance, pela originalidade da temática da emigração, pelo realismo da ficção e pelo compromisso social, aspetos que explicam a criação de um novo paradigma literário – o romance social de pendor neorrealista.

2. A obra *Emigrantes*

O romance *Emigrantes* de Ferreira de Castro foi publicado em 1928, retrata a vida dos que, em busca de melhores condições de vida, viajam para o Brasil, na ânsia de enriquecerem; tendo por base a experiência pessoal do próprio autor enquanto emigrante. A obra teve um enorme sucesso, tendo consagrado Ferreira de Castro como escritor universal, em conjunto com o romance *A selva*.

Emigrantes retrata o processo da emigração e regista, principalmente, o drama pessoal, mas também o fenómeno da emigração do ponto de vista social.

3. A ficção e a história

Na obra em estudo, constatamos uma interdependência entre a ficção e a história, na medida em que estas surgem simultaneamente como um relato, um registo e um testemunho histórico, ainda que subjetivo e pessoal. O autor, com o seu *modus faciendi* que lhe é próprio, retrata a emigração enquanto acontecimento histórico e real, circunscrito num determinado espaço e tempo. Fá-lo de forma ficcionada, transformando a emigração numa espécie de fenómeno inerente à condição humana, quase como se tratasse de uma tradição e de uma lenda, tal é o poder de atração que exerce sobre o homem e que ultrapassa o inteligível, explicando-se apenas no domínio do psíquico e do lendário: “O oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples” (Castro 1959: 298).

O resultado desta fusão entre a história oficial e a história ficcionada, entre a história coletiva e a individual, é uma ucronia na ficção historiográfica portuguesa, moderna, pós-moderna e contemporânea, explicada pelo facto deste escritor encarar a Literatura como um projeto de transformação social, assente na história-memória.

O escritor defende que “o problema da emigração não é, porém, um

problema-causa, mas consequência de outro mais vasto e mais profundo” (Castro 1959: 284), e abre caminho à reflexão da problemática, desculpabilizando os países de destino da emigração, até porque, na sua opinião, a sua organização social é “constituída, em muitos casos, por nobres senhores ignorantes que a Europa exporta diariamente” (Castro 1959: 285). Atribui responsabilidades aos países de origem que não criam condições de justiça social para evitar que famílias tenham de sair do seu país: “lares inteiros que se deslocavam, famintos de pão e de futuro” (Castro 1959: 351).

Ao dar voz aos emigrantes, o autor traz o tema da emigração para a ordem do dia e obriga à reflexão sobre as causas, maioritariamente da responsabilidade dos países de origem que falham na missão de governabilidade, justiça e equidade social, ao mesmo tempo que mobilizam para a diminuição da mesma, mostrando o seu lado negro. A figura da emigração surge associada à exploração, à desgraça, ao logro, à mentira, à corrupção, à degradação física e psicológica, ao sofrimento, ao sacrifício vão e à perda irreparável da vida humana.

4. As personagens

Em *Emigrantes*, constatamos a originalidade na escolha das personagens, vanguardista e, até certa medida, inédita, tendo em conta que os emigrantes seriam considerados até então figuras menores e pouco dignas para assumirem o protagonismo numa obra literária.

O autor transpõe para a ficção o testemunho histórico-documental dos pobres emigrantes, “personagens que não têm lugar no Mundo” (Castro 1959: 284) e que, por sua mão, saem da esfera do anonimato para reproduzir e dar voz, no coletivo, a todos aqueles que sofreram as angústias e os dilemas existenciais, morais e sociais do seu tempo.

Assim, em *Emigrantes* a ação/drama desenrola-se em torno dos “rudes, mazorros, primários” (Castro 1959: 285); “humildes, apagados, submissos, do berço ao túmulo” (Castro 1959: 283). Os protagonistas são caracterizados indiretamente, em oposição aos ricos e rendeiros, estratégia que poderá ser explicada pelo facto de os autores verem na Literatura a possibilidade de criar um projeto interventivo, transformador e reformador da sociedade, denunciando a desigualdade de oportunidades e a injustiça social, recriminando o fosso que separa os ricos e os pobres, e a exploração destes por aqueles.

Em *Emigrantes*, o autor conduz o leitor a um certo desprezo pelos

ricos e rendeiros e a uma certa admiração pela vida de dor e de sacrifício dos pobres, o que tende a parecer justificar a ambição dos pobres pelo não merecimento dos bens dos ricos, que deixam as terras ao abandono e não cuidam delas: “Até parecia injustiça de Deus que aqueles campos tão férteis, tão vastos, estivessem quase ao abandono, porque o senhor Esteves, sendo rico, morava na vila, nunca vinha ali e o rendeiro, velho e sovina, preferia deixar a terra sem cultivo a pagar a alguém que o auxiliasse” (Castro 1959: 289-290).

5. O tempo e o espaço

Como já tivemos oportunidade de referir, nesta obra, a história e a memória cruzam-se e misturam-se de tal maneira que deixam ressonâncias ao nível da narratologia, designadamente nas categorias do tempo e do espaço que surgem intimamente ligadas entre si. Evidenciam-se claramente três marcos temporais/espacos que são determinantes: o antes da partida, o período em que decorreu a emigração e o regresso, a que correspondem à aldeia natal, à estadia no país estrangeiro e ao regresso ao país de origem. Estes momentos da história/memória são-nos apresentados sempre com focalização psicológica, centrada nos estados de alma e nos sentimentos dos protagonistas, aos quais associamos, por ordem cronologicamente ascendente, à inocência, à felicidade, à insatisfação, à ambição, à mentira, à solidão, à desilusão, à resignação e ao sofrimento/dor. Este, *grosso modo*, é o percurso de vida dos emigrantes e, em geral, corresponde à condição existencial do ser humano, numa luta constante, moldada pelo fator “mudança”, à qual o leitor se identifica.

Criamos empatia com Manuel da Bouça quando este “[...] recordava o tempo da infância, já distante, em que vasculhava veigas e montes à busca de ninhos, só pelo prazer de os descobrir e disso se vangloriar ante o rapazio do lugarejo” (Castro 1959: 288), e quando eram “felizes tempos esses em que pastoreava a cabra pelas barrocas, roubava maçãs na quinta do Almeida e seguia, na Primavera, o voo dos pássaros de ramo em ramo!” (Castro 1959: 288). Assistimos à mudança da perceção que Manuel da Bouça tem da sua aldeia natal, movido pela ambição e pelo desejo de emigrar: “Nunca o lugarejo lhe parecera tão miserável, tão digno de dó e sobranceiro olhar” (Castro 1959: 292). Lemos o presságio dado por Ferreira de Castro na descrição humanizadora da paisagem que parece querer alertar o protagonista:

“Mas, quando Manuel da Bouça se aproximava da falda, os seus olhos encontravam, por cima dos eucaliptos miúdos que formavam rebanho na cauda dos velhos pinheiros, mais largueza de panorama. Agora, tudo dir-se-ia leve, suspenso, atento para um ensaio de transformismo geral. Havia um silêncio frio, que isolava, que tornava distinto o grito de cada ave” (Castro 1959: 307).

Em *Emigrantes*, assiste-se também à sobreposição de espaços e de períodos temporais, em que sobre uns se evocam outros, de cariz psicológico:

“Pouco a pouco, na paisagem tropical sobrepôs-se, para os olhos de Manuel da Bouça, a paisagem da sua terra – da sua aldeia esquecida num recanto de Portugal. E surgiam moinhos revestidos de heras, entre verdes amieiros, numa volta do Caima. Os cafeeiros iam-se transformando em giestas e as «ruas» do cafezal em ínvios caminhos, caminhos que guardavam em cada curva uma recordação da infância, uma saudade da adolescência: o primeiro diálogo de um namoro, o assalto ao pomar do Serrado, o jogo do botão com o filho do Pisco...” (Castro 1959: 442)

6. A denúncia da pobreza como causa da emigração

Em *Emigrantes*, Ferreira de Castro refere-se aos protagonistas chamando-os de “rebanho” indistinto, pobre, obediente, resignado, a ser conduzido para outro continente, a bordo do Darro, formando “o êxodo, pobres de tudo, mas pejados de visões doiradas, rodando, rodando até o mar e deixando atrás de si o tojo crescer em solo que daria pão, para irem fecundar a terra feiticeira” (Castro 1959: 299).

Através da caracterização que é feita, o romancista denuncia a pobreza, a falta de instrução e de cultura dos camponeses que vivem em situações de extrema dificuldade, nas aldeias do Norte e do interior português, tendo como exemplo a sua própria experiência e percurso de vida, identificando-se a si mesmo e convidando o leitor a identificar-se e a solidarizar-se com as famílias portuguesas de emigrantes: “eles, de sapatorras, calças acastanhadas e jaleco de rústicas linhas; elas, de saias mui rodadas e escuras, lenço cabeça, umas de blusa pintalgada, outras enrodilhadas num xaile – e os filhos num novelo de trapos, quase confundidos com a bagagem” (Castro 1959: 365), chamando à atenção para o ruralismo das personagens que se manifesta mesmo em terras estrangeiras: “O ruralismo de Manuel da Bouça extasiava-se ante as largas faixas entrançadas que transportavam automaticamente sacos de café para os navios ali atracados” (Castro 1959: 375) e que antevê, à priori, a impossibilidade de concretização do sonho.

O escritor aborda o fenómeno da emigração como um logro e uma ilusão, perpetrada por homens que enganam outros homens, a custo de dinheiro. Também aí a pobreza, a falta de instrução e de cultura, a par com a ingenuidade, são apontadas como razões pelas quais os emigrantes “são ainda iludidos por outros homens, que os exploram na sua própria terra, afirmando à ingenuidade deles que, mesmo assim rudes, mazorros, primários, encontrarão, neste e naquele trecho do Globo, fabulosas riquezas” (Castro 1959: 285).

7. A ambição ingénua e o materialismo

A emigração é representada também como consequência da ambição ingénua do homem que deixa de valorizar o pouco que tem para sonhar com o muito que lhe é impossível alcançar:

“[...] os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria, os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da igreja velha. Possuí-los, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes e, no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida” (Castro 1959: 289).

O camponês idealiza, assim, cenários e miragens que o levam à decisão de emigrar, porque percebe que “sem sair dali, sem procurar fortuna noutras terras, jamais conseguiria realizar a ambição” (Castro 1959: 289) e porque “o dinheiro brasileiro é que era dinheiro forte” (Castro 1959: 291). Os pobres ambicionam ter uma vida igual à dos ricos: “[...] mordidas as almas por compreensíveis ambições, querem também viver, querem também usufruir regalias iguais às que desfrutaram os homens privilegiados. E deslocam-se, e emigram [...] em busca do seu pão” (Castro 1959: 283).

É também à ambição humana que Ferreira de Castro atribui a culpa por diariamente atravessarem o oceano “carregamentos de carne humana, escravos não de implacável senhor, como os de outrora, mas de uma ambição que era mais implacável ainda” (Castro 1959: 352). Contudo, como bem depreendemos de Ferreira de Castro, a ambição ingénua advém da falta de condições dos camponeses, situação que se mantém ao longo do tempo e que, segundo Ferreira de Castro “Se tivéssemos culpas a estabelecer, à Europa as debitaríamos em primeiro lugar” (Castro 1959: 285).

Ora, é esta aparente aceitação da pobreza dos camponeses “gente que trabalhava sem futuro compensador, que trabalhava até à morte, órfã de

todo o conforto, como se o seu destino fosse apenas para a miséria” (Castro 1959: 303), a aparente normalização da clivagem entre ricos e pobres e a aceitação da emigração dos pobres, que durante dezenas de anos tentaram a sua sorte em terras estrangeiras, como um mal necessário, que faz com que o leitor se insurja e se mobilize para reformar a sociedade, cumprindo com a intencionalidade da obra e o carácter reformador da mesma. O escritor obriga-nos, de certa maneira, a tomarmos uma posição face à problemática da emigração: ou estamos com os pobres e lutamos para que tenham melhores condições de vida, ou estamos com os ricos e legitimamos a necessidade e a utilidade da pobreza para manter a ordem social estratificada.

8. O sonho americano e a quimera

No seguimento do que acabámos de defender, a respeito da ambição, esta surge indelevelmente associada ao sonho americano, em *Emigrantes* chamado de “sonho doirado” (Castro 1959: 352) e “aurífera miragem” (Castro 1959: 391), tal é o poder encantatório que a palavra Brasil possui: “palavra mágica, o Brasil exercia ali um perene sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, de opulências deslumbrantes e vidas liberadas” (Castro 1959: 298), poder encantatório que parecia estar encubado desde várias gerações: “aquela ideia residia dentro do peito de cada homem e era gorgulho implacável até nos sentimentos dos mais agarrados ao terrunho. Vinha já dos bisavós, de mais longe ainda; coisa que se herdava e legava, arrastando-se pela vida fora como um peso inquietante” (Castro 1959: 298).

A emigração exerce um fascínio irracional, comparável à cegueira: “Quase todos caminhavam cegamente, fascinados pela resplendência transoceânica do imã; era o mistério, o prestígio do longínquo, a fuga às garras de uma laboriosa miséria” (Castro 1959: 352). Apesar de todo o encantamento, a emigração suscitava também temor pelo desconhecido, num misto de sentimentos contraditórios, como narra o romancista: “como todo o encantamento, amedrontava ao mesmo tempo que atraía” (Castro 1959: 298). O sentimento de medo acaba por ser vencido pela coragem e pelo orgulho social: “mas ele ia provar que não era como os outros; que era capaz de cumprir tudo quanto dizia” (Castro 1959: 292).

9. A despedida e a viagem

O momento da despedida é um momento conturbado, porque constitui um abandono voluntário e, ainda que impellido pelo sonho e pela ambição,

permanece sempre assombrado pelo apego à família, à casa e ao lugar, e pela incerteza de regressar: “E ele, estarecido, quedou-se a contemplar, a despedir-se de tudo, apatetadamente. A própria casa, apesar de caiadinha de fresco, parecia-lhe triste, trespassada pela mesma amargura que descia da Felgueira e vinha estender-se por todo o vale” (Castro 1959: 334).

Também a viagem é narrada de forma a que o leitor a sinta como uma espécie de *locus horrendus*, em jeito de prenúncio e de preparação para o *pathos* que lhe segue, em terras alheias. O romancista, na narração da viagem, destaca as péssimas condições do barco, a sobrelotação dos ocupantes, a pobreza dos mesmos, as doenças a bordo, a falta de higiene e a promiscuidade a bordo, criando um cenário de miséria e degradação do ser humano, predestinado a um destino em tudo desfavorável e ditado à nascença.

10. O medo e o fascínio pelo desconhecido

Superar o medo é, na maioria das vezes, por si só, um facto digno de louvor, na medida em que é um dos sentimentos que suscita maior terror e mais condiciona a vida do ser humano. O autor eleva os emigrantes quase à categoria de herói, na medida em que estes mostram ser capazes de superar os desafios e o medo com que se deparam, colocando as suas vidas nas mãos do acaso, da sorte e do destino, tomando consciência da sua pequenez e insignificância, perante um mundo tão vasto e desconhecido: “cada vez mais humildes e amarfanhados pelo ambiente desconhecido” (Castro 1959: 349).

A emigração é agora sentida do ponto de vista do desenraizamento familiar, da desintegração do meio social, da negação do conhecido e da ausência de perspectiva e da incerteza do futuro, chegando, a nosso entender, a atingir o *clímax* e o sublime, porque comparável ao vazio:

“Agora, ao desligar-se do navio, ao abandonar a móvel ponte transatlântica, Manuel da Bouça sentia uma comoção angustiosa, como que a suspensão de todos os sentidos. Dera-se, dentro do seu peito, uma síncope inexplicável; criara-se, de súbito, um vácuo – um vácuo que era, simultaneamente, expectativa, alvoroço e medo” (Castro 1959: 375).

E, de forma totalmente inusitada e, talvez, tremendamente honesta e fidedigna, resolve esta situação terrífica – um verdadeiro drama existencial – com uma cena totalmente banal, relembrando o valor da vida rural e campesina que fora desprezada: “E foram precisamente os porcos, grunhindo na pocilga e assomando às tabuas o focinho redondo, escuro e voraz, que

deram a Manuel da Bouça a certeza de que não se encontrava num mundo completamente diferente daquele que seus olhos estavam habituados a contemplar” (Castro 1959: 404).

11. A exploração do trabalho

O protagonista emigra à procura de melhores condições de vida, para acumular riqueza com o seu trabalho, valorizado e bem pago, tal como lhe fora prometido “O Brasil é um grande país. Lá sabe-se apreciar o trabalho de um homem” (Castro 1959: 311), seguindo a máxima de que “quem trabalha, quem é cumpridor dos seus deveres, sempre alcança o que deseja” (Castro 1959: 386), logo, enriquece, isto porque “a vida é de quem trabalha!” (Castro 1959: 386) e, porque “um homem que trabalha nunca morre de fome” (Castro 1959: 290).

Como constatamos, as referências positivas ao “trabalho”, através da utilização de frases e enunciados sentenciais, acabam por ser subvertidas. Percebe-se o tom irónico e reivindicativo do romancista que transforma um discurso aparentemente positivo num discurso ironicamente sarcástico, pois, na prática, assistimos a um Manuel da Bouça que experiencia exatamente o contrário do que seria expectável, se assumirmos a máxima como verdade absoluta e universal. Este discurso denuncia, logo à partida, o absurdo e a injustiça que é a vida, pois Manuel Bouça percebe que a felicidade e a riqueza não provêm da força do trabalho nem do mérito. Os ricos são-no porque já nasceram ricos, porque enganaram, roubaram ou porque exploraram o trabalho dos outros: “o patrão tem a mania de fazer trabalhar os outros. Por sua vontade, todos trabalhavam de dia e de noite e só quando rebentassem é que ele estaria satisfeito” (Castro 1959: 388).

Esta consciência de injustiça social e de falta de valorização do trabalho é despoletada por Ferreira de Castro que acaba por incitar o leitor a indagar e a refletir sobre o tema, acompanhando os seguintes pensamentos: “Se ali não havia fartura de dinheiro para os pobres, onde é que a havia? Como é que muitos enriqueciam em toda a parte do Mundo? Não era, decerto, com as jornas que um homem ganhava em Portugal, nem com as que ia ganhar ali que se levantava cabeça...” (Castro 1959: 393).

Mais uma vez se expõe e critica a exploração do homem pelo homem e a clivagem social entre os ricos e os pobres: “Mas as facilidades prometidas ao longe traduziam-se, ali, num trabalho rude, sem horário, sem proteção, porque o coronel proprietário queria enriquecer depressa e sabia que, quanto

mais os outros labutassem para ele, maiores caudais arrecadaria” (Castro 1959: 392). O fazendeiro era o “senhor absoluto da terra, à vontade inflexível do qual tudo se curvava, servilmente” (Castro 1959: 433).

Contrariamente ao que seria de esperar, “Anda um homem a labutar toda a vida, para no fim...” (Castro 1959: 448). O autor evidencia o irónico/trágico da situação, quando refere que Manuel da Bouça trabalhara como um negro, poupara como um judeu e só teve dinheiro fruto de um roubo perpetrado a um morto.

12. A desilusão e a resignação

Esta descrença na força do trabalho e na justiça social levam a uma profunda desilusão: “Só faz dinheiro quem tem dinheiro. A gente espera, espera e desespera. Eu já não acredito” (Castro 1959: 452). Assiste-se à inutilidade da emigração para quem é pobre, como Manuel da Bouça afirma: “Estou em crer que não há terra boa para os pobres” (Castro 1959: 452), isto porque no Brasil, “como em todo o Mundo, as coisas vão mal. Quase não se ganha para viver” (Castro 1959: 379). É aqui que se desvenda o logro da emigração e se inicia o processo de reflexão: “Afinal, onde estava todo esse dinheiro do Brasil que ele não via, nem para si, nem para os italianos, nem para os brasileiros que trabalhavam de sol a sol? O que ele enxergava era muita ambição e muitos pobres como em Portugal, como em toda a parte” (Castro 1959: 434).

Perante a consciência da mentira e do logro que é a vida, Ferreira de Castro utiliza o silêncio e a suspensão da palavra, deixando por resolver questões que permanecem sem resposta. A referência ao silêncio intensifica a expressão do sofrimento pela desilusão e amplifica o dramatismo da resignação à injustiça, à inutilidade e ao absurdo que é a vida, na perspectiva de que a existência humana se rege por leis deterministas e fatalistas: de que uns têm sorte e outros não; de que uns nasceram para ser ricos e outros nasceram para ser pobres:

“Mas que é isso? O senhor Manuel a chorar?

– Não, não; vamos lá ao teu patrão. – E apressadamente, envergonhado da fraqueza, ia esmagando, com as costas das mãos, as grossas e mudas lágrimas que rolavam pelas faces.

– Por que chora?

– Por nada... Não é nada...

Cipriano quedou-se a contemplá-lo em silêncio, enquanto ele se levantava.

Depois, com voz fraternal e húmida de emoção:

– É porque esperava outra coisa, não é verdade?

Com esforço, como se as palavras encontrassem grande dificuldade em transpor a garganta, confessou:

– É. Mas que lhe havemos de fazer?” (Castro 1959: 383-384)

Esta visão pessimista do mundo e determinista da condição humana parece resolver-se através da resignação, figuradamente simbolizada pelo homem curvado: “Uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos, de indivíduos que excederam o número, de seres que o são apenas no sofrimento, no vegetar fisiológico de uma existência condicionada por milhentas restrições” (Castro 1959: 283), ou, então, através do suicídio, última e derradeira ação libertadora do jugo da vida: “Às vezes, ao lembrar-me de quanto me custou sair da terra e das lágrimas que a minha mãe ainda hoje chora, sinto vontade de fazer uma asneira – nem eu sei o quê!” (Castro 1959: 384).

13. A vida como *fatum*

Ferreira de Castro apresenta a vida dos emigrantes condicionada pelo *fatum*, pois estes “Nascem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência, olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver” (Castro 1959: 283). A vida dos pobres e camponeses evidencia, assim, uma certa inutilidade e uma existência vã: “Nasce o homem e, se não dispõe de riqueza acumulada pelos seus maiores, fica a mais no Mundo. Entra na vida – já se disse e é bem certo – como as feras nos supérfluos antigos circos – para a luta! Luta para criar o seu lugar, luta contra os outros homens, luta pelas coisas mesquinhas e não pelas verdadeiramente nobres” (Castro 1959: 284)

A vida dos emigrantes e, na generalidade, do ser humano, decorre aparentemente sem sentido, condicionada pela sorte “– É sorte. Uns têm sorte, outros não têm” (Castro 1959: 381) e pelo destino cruel, onde a constante é a luta e o sofrimento, nas suas variadas formas.

14. A saudade

A saudade é um *tópos* que está sempre presente e incorpora intemporalidade na narrativa e no discurso poético. A “narratologia da ação”

é nestes momentos substituída por uma “narratologia do estado/sentimento”. Ambas desenrolam-se em paralelo, interdependentes, em perfeita simbiose, sendo que uma é causa e a outra é consequência. Nesta perspetiva, a emigração tem como efeitos sentimentos devassadores, sendo a saudade uma constante, geradora de um sofrimento profundo “que até parece que estala o coração” (Castro 1959: 399). A saudade ora parece trazer alegria: “Cada carta que chegava dava-lhe sempre grande alegria. Era a aldeia nativa, eram os seus, era o passado, tudo quanto estava longe, envolto em saudade, a comunicar com a sua alma rústica de expatriado, a torná-la mais delicada, mais propensa ao sentimento e à evocação” (Castro 1959: 421), ora de tristeza: “Depois, vinha a tristeza, a sua mágoa de impotente perante a ambição própria, o desgosto de não ser fácil ganhar rapidamente muito dinheiro no Brasil, para voltar à sua aldeia, como ele pensara” (Castro 1959: 421).

15. A infelicidade, a mentira e a vergonha

A saudade da família, da terra e da vida na aldeia natal deixa mais clara a má decisão de emigrar e que, face à dificuldade do regresso, intensifica ainda mais o sentimento de impotência para solucionar o problema, o que gera uma infelicidade ainda maior, porque imputável a si próprio: “Agora, que o espírito se ligava, por cima dos dias decorridos, à sua partida da aldeia natal, ao amor da mulher e da filha, às ilusões que tecera, a derrota pesava-lhe e ele sentia uma profunda infelicidade” (Castro 1959: 402). Todos os pequenos pormenores da rotina do quotidiano trazem à memória a felicidade de outrora: “Na cozinha, em silêncio, duas lágrimas caíram-le dentro da panela”; “Na sua terra, a Amélia tinha sempre a paparoca feita – e mimos e cuidados – quando ele voltava do trabalho. Agora, ele não tinha ninguém... Agora, ele não tinha ninguém...” (Castro 1959: 411). A infelicidade e o sentimento de que se caiu em desgraça transformam-se em ódio que devora.

A mentira que aqui assume o papel de máscara social é, por si só, geradora de infelicidade porque traz consigo a vergonha, o fracasso pessoal e o sentimento de culpa: “Todos nós mandamos dizer que estamos aqui muito bem, que é para a nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos conhecidos...” (Castro 1959: 380); “Eu só não volto para a terra porque tenho vergonha...” (Castro 1959: 381).

A vergonha social é aqui igualmente relevante porque é um dos sentimentos trágicos e inibidores de felicidade, tendo em conta que o ser humano é gregário e precisa da validação dos pares: “A ideia de que às vénias

e respeitos dos que o consideram rico sucederiam a frieza e o arrependimento de tantas cortesias, quando a nova da sua pouca sorte no Brasil se arrastasse [...], acabrunhava-o mais do que a sua própria miséria” (Castro 1959: 518), isto porque “lá na terra, quem chega do Brasil tem sempre vergonha de não ser rico” (Castro 1959: 398).

16. A revolta e a amargura

A consciência de ter sido enganado, a exploração no trabalho, as dificuldades económicas, o sofrimento provocado pela solidão e pela saudade, a desilusão e o sentimento de infortúnio conduzem à transformação psicológica de Manuel da Bouça que passa a comportar-se de forma cética, azeda, agressiva: “Nunca da sua boca tinham saído, como agora, tantas palavras agressivas, tantas palavras amargas” (Castro 1959: 455); “cético e azedo” (Castro 1959: 455). Estes sentimentos geram revolta pessoal, social e até política, pois Ferreira de Castro coloca o protagonista Manuel da Bouça como participante na revolução no Brasil, insurgindo-se contra o desgoverno do país: “Anda aqui um homem a trabalhar toda a sua vida para que eles tenham tudo – boas fêmeas, bons automóveis, dinheiro a rodos – e nós nada!” (Castro 1959: 469).

Contudo, o sentimento de revolta persiste e continua atual, como se depreende da seguinte interrogação retórica: “Raio de vida! Mas então se não era na América, onde era a terra em que os pobres podiam levantar cabeça?” (Castro 1959: 511). É com a experiência fracassada que Manuel da Bouça toma consciência de que o sonho americano é um logro e que tudo por que passara fora em vão.

17. O arrependimento e o desejo de regressar

O escritor destaca o arrependimento de Manuel da Bouça em *Emigrantes*: “– Sou muito desgraçado! Sou muito desgraçado, senhor Fernandes! Antes não tivesse saído de casa!” (Castro 1959: 447), arrependimento que subjaz ao desejo de regressar: “E nascia-lhe dessa tristeza, desejo profundo de regressar, saudade nunca sentida tão intensamente. O sol de Portugal parecia-lhe, agora, mais branco e evocava-o a entrar-lhe pelas portas e janelas, a espairecer no quintal, a cobrir a aldeia inteira” (Castro 1959: 442).

Este desejo de regresso à terra natal é, todavia, assombrado pela vergonha social e pelo fracasso: “Pressentia a sua humilhação ao apresentar-

se na aldeia tão pobre como partira, mais pobre ainda, pois já não tinha sequer as courelas; e o amor próprio gritava-lhe que ao vexame era preferível o esquecimento na terra distante” (Castro 1959: 462) e pelo facto de durante a ausência terem havido perdas irreparáveis, como são exemplo a perda de património, o casamento da filha e a morte da esposa de Manuel da Bouça: “Agora, que a filha estava casada com quem ele não queria, que a mulher morrera e as courelas lhe tinham sido tiradas, para quê voltar? Para que os outros se rissem dele? E voltar com o quê? Não, não valia a pena!” (Castro 1959: 461).

Não obstante os sentimentos antagónicos que oscilam entre o querer e o ter vergonha de regressar, assiste-se à formação do processo de decisão, em que o autor nos convida a refletir e a tomar parte da decisão de Manuel da Bouça:

“Pouco a pouco, a morte da mulher, encarada sob novo aspeto, fazia-o admitir outro procedimento: «E se ele fosse? Agora, que era sozinho... Que andava ele ali a fazer? Lá, ainda tinha a casita e o quintal. Com uns dias de jornada ainda iria vivendo. E sempre era melhor! Não aturaria ninguém e estaria em sua casa. Já que tinha de morrer, que fosse lá.»” (Castro 1959: 463)

Ainda em *Emigrantes*, o regresso é descrito pelo autor de forma universal, coletiva, extremamente realista, mas nem por isso menos comovente e mobilizadora:

“Eram muitos os homens que regressavam. Estendiam-se pela amura, sentavam-se, em atitude meditativa, junto da bocarra dos respiradouros, traçavam as pernas sobre os rolos de cordame. Vinham de Montevideu e de Buenos Aires – espanhóis na maioria e alguns italianos. [...] Sonharam uma fortuna conquistada apenas com o braço e o suor do rosto – e trabalharam dia e noite, desbravaram terras, perderam-se nas estâncias, em plena pampa [...]. Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando haviam chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. Estavam enfermos, sugados, envelhecidos, e só lhes restava implorar da morte um adiamento. Muitos deles iam repatriados pelos cônsules; outros tinham somado todas as economias feitas durante os anos de exílio e com elas adquirido lugar por quinze dias naquela pocilga transatlântica” (Castro 1959: 492)

Os emigrantes são reduzidos a seres sofredores, a carne humana, merecedores da nossa comiseração e da nossa revolta perante a sociedade que os

cria, explora e utiliza de forma desumana: “O “Andes” transpunha a barra com o seu carregamento de carne humana, exausta, quase morta, que a América devolvia à Europa – homens que dir-se-ia estarem a mais no Mundo e se arrastavam pelos dois hemisférios como se fossem o refugio de outros homens” (Castro 1959: 493).

18. O emigrante como apátrida, expatriado e repatriado

Este tráfico humano desnuda a tragédia psicológica e social dos homens face à sua pátria. Os emigrantes sentem-se apátridas porque abandonados: “Eles continuam a transitar com uma pátria no passaporte, mas, na realidade, sem pátria alguma, pois aquela que lhes é atribuída pertence apenas a alguns eleitos. Para eles, ela só existe quando nos quartéis se recolhem tributos. É assim na Europa e é assim nos outros continentes” (Castro 1959: 283-284).

Na terra que os recebeu, os emigrantes estão expatriados, desenraizados, porque vivem numa pátria que não lhes pertence “uma pessoa chegada a terra que não é sua, é como se andasse às escuras” (Castro 1959: 407) e por esse motivo sentem mais intensamente a falta do seu país: “Só agora, com a vida atirada ao incógnito, eles sentiam, instintivamente, a ligação, nunca até ali compreendida, das aldeias em que nasceram” (Castro 1959 : 350), da aldeia natal, dos familiares e do passado “de tudo o que estava longe, envolto em saudade, a comunicar com a sua alma rústica de expatriado” (Castro 1959: 421).

A condição de repatriado é também introduzida e desenvolvida pelo autor que chama a atenção para a contemplação e tranquilidade despoletadas pelo regresso aos lugares que sempre foram sentidos como seus:

“E de pé, sem descer, o repatriado quedou-se, a contemplar tudo quanto o rodeava. Era a sua vida, o seu passado, a sua casa, o seu quintal, a sua velha cerejeira. Ainda existia a sua velha cerejeira! E também a figueira, também a figueira! Ele olhava como se as árvores e as pedras o compreendessem e vibrassem sob a mesma comoção que o perturbava todo”. (Castro 1959: 499)

Contudo, a aparente inalterabilidade dos espaços rapidamente se desfaz quando Manuel da Bouça percebe que a sua ausência teve consequências ao longo do tempo: “Por toda a parte, no couval, no muro, na vinha, a desolação falava dele, que partira, e de Amélia que morrera” (Castro 1959: 500). Também aqui o regresso é marcado pela tristeza, pela deceção e pelo arrependimento, pois assiste-se a danos que dificilmente poderão ser

reparados: “Ir ao Brasil era como se um homem morresse e ressuscitasse muito tempo depois” (Castro 1959: 499). Manuel da Bouça, repatriado, sentia-se um estranho na sua própria terra, porque ele próprio já não era o mesmo: “Sentia algo que não sabia explicar a si próprio, mas que o divorciava da terra; algo que se intrometia no seu espírito enquanto estivera longe, fazendo dele um homem diferente do que era antes de ir para o Brasil. Sentia-se quase um estranho” (Castro 1959: 513).

O regresso de Manuel da Bouça marca o fim do romance *Emigrantes* e o final é, de certa forma, pícaro, inusitado e sarcasticamente trágico e revoltante, apesar de consentâneo com o desenvolvimento da trama, pois o romancista evidencia que apesar de toda a luta, sofrimento, mérito e resignação de Manuel da Bouça, por ter se aventurado a viajar para outro país, quem enriquece é o Nunes, que nunca saíra da terra, à custa de enganar ingênuos e ambiciosos.

Conclusão

É nossa convicção que a temática da emigração, de certa forma renovada por Ferreira de Castro, nos anos 20 do séc. XX, e volvidos cerca de cem anos da sua produção, continua e continuará a suscitar interesse pois: “em todo o Mundo, ou em quase todo o Mundo, vão encontrar drama semelhante, porque semelhantes são as leis que regem o aglomerado humano” (Castro 1959: 283).

Cremos ter contribuído para o melhor conhecimento deste autor, neste estudo, tendo-se constatado que este romance constitui um instrumento de transformação social, tendo por base o testemunho pessoal de Manuel da Bouça. Através de *Emigrantes* assistimos ao comprometimento social do autor, cuja intenção é a de apelar à humanidade e à justiça social. Acreditamos de igual forma que trazer para a ordem do dia a temática da emigração é reiterar a universalidade do *tópos* e reafirmar a Literatura enquanto expressão artística privilegiada do Homem, independentemente da sua classe social.

Referências bibliográficas

- Castro, Ferreira de. 1959. *Emigrantes, Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Emery, Bernard. 1992. *L'Humanisme Luso-tropical selon José Maria Ferreira de Castro*. Grenoble: Ed. Ellug.
- Nobre, Roberto. 1966. *Comércio do Porto* de 26 de julho.
- Sacramento, Mário. 1985. *Há uma estética Neo-Realista?* Lisboa: Vega, 2.^a ed.
- Torres, Alexandre Pinheiro. 1977. *O Neo-Realismo Literário Português*. Lisboa: Moraes Editores.